

Reynaldo Bessa

do pássaro voando obverso orszsèq ob
ao contrário oitèrtoc ob

poemas

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B557p BESSA, Reynaldo. –
Do pássaro voando ao contrário / Reynaldo Bessa.
– Guaratinguetá, SP: Penalux, 2018.
114 p.: 18 cm.
ISBN: 978-85-5833-372-6
1. Poesia I. Título

CDD.: B869.1

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Pequenos Infinitos

Quando escrevo
estou entre um sentimento
que agoniza e outro que
começa a nascer:
sou um sentir não sentindo,
um estar não estando,
um sei lá...
Talvez, um hoje
querendo saber
das novidades do ontem

Este sorriso não é meu
Não o reconheço
Está na minha cara como uma
visita indevida em minha casa
Pertence ao meu genitor que o esqueceu em mim,
como quem esquece um guarda-chuva
quando passa o temporal
Este sorriso tem prazo vencido
É como um empréstimo forçado,
além das minhas possibilidades

Gostaria que lembrasse o
que meus olhos tentaram dizer
Que escutasse as orações que fiz
ao seu ouvido, enquanto dormia
Gostaria que guardasse o que pensei
quando você estava fora
Que lembrasse o que minhas mãos sussurraram
quando se esconderam em seus cabelos
Gostaria que lembrasse da trepidação dos meus lábios,
quando, enfim! Me deu aquele beijo há muito ansiado,
e que veio de supetão
Nesse momento sugou minha alma
Ela está sob sua língua,
encolhida, trêmula,
alimentando-se de sua saliva
Não sei de onde tiro isso
Vem mais ou menos como um vento batendo na janela:
sem licenças e desculpas
Sinto por você o que o amor ainda desconhece
Quando penso em nós lembro-me de Veneza
quando olhava Il Grand Canale,
enquanto tomava meus spritz's
Acho que já pensava em você
Pensava que na outra margem das minhas lembranças
de olhos vermelhos ia ter alguém assim

Deixe-me morar em seu corpo,
em seu casaco, em sua pele, em você
Quero beber todas as suas lágrimas
arquivar todos os seus sorrisos
Sua ausência é como um corte profundo feito
pelas lâminas afiadas
dos ponteiros dos relógios

Seus dedos:

os mesmos que apertam campainhas e
botões de elevadores

Dedos que seguram xícaras,
temperam comidas,
assinam contratos

Dedos que, trêmulos, apontam erros,
e precisos, espalham o batom pelos lábios

Seus dedos:

roídos, em riste, em concha, em guarda, em guerra

Os mesmos que desabotoam vontades e
povoam cidades

Cidades que se avolumam
sob um céu de jeans

Os ruídos monótonos da cidade,
o discurso furado das verdades,
as orações decoradas e inócuas
E se os deuses forem surdos?
E se estiverem embriagados,
e jogando dados, e gargalhando,
enquanto minha alma toca esta harpa
de cordas estropiadas?
Saímos mesmo da caverna, então... e aquelas sombras?
Não tenho mais medo ou isso é medo em demasia?
Agora estão batendo à porta
Em dias assim, só pode ser o corvo de Poe ou
o demônio de Descartes

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em junho de 2018.
